

Louyse Estela da Costa

Narrativas de Falar de Si: Experiências Estéticas de Formação

Belo Horizonte
2017

Louyse Estela da Costa

Narrativas de Falar de Si: Experiências Estéticas de Formação

Monografia apresentada ao Curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosvita Kolb Bernardes

Belo Horizonte
2017

Sumário

Introdução: Com olhos de menina.....	05
Acolher o passado que ainda ressoa em mim: o que olho?.....	06
Memória de Infância: quintal de recordações.....	07
A escola onde o canto não me acolheu.....	08
O Ensino Médio: em cada canto outros cantos.....	11
A arte foi tomando conta da minha vida: em cada canto outros cantos	13
Minhas experiências acadêmicas.....	15
Estágio docente: deslocamentos, aproximações e encontros.....	20
A chegada na escola: o estágio como espaço de aprendizagem.....	21
O caderno de anotar e desenhar.....	22
Uma cartografia das lembranças: Eu tinha sete anos de idade.....	23
Algumas perguntas: sem respostas.....	25
O espaço Educativo de um Museu: meu canto.....	25
Derivas Dançantes: corpo e meio ambiente.....	26
Material Didático: A Mala que segue viagem.....	28
Os cantos que ainda ressoam em mim.....	31
Referências bibliográficas.....	33

Lista de Imagens – Em Ordem

1. Silhueta – Teatralidades
2. Desenhos da Infância 1.
3. Desenhos da Infância 2.
4. Apresentação Cantores de Alta Performance
5. Apresentação Cantores de Alta Performance
6. Práticas Artísticas, Desenho de Observação
7. Práticas Artísticas, Desenho de Observação
8. Práticas Artísticas, Desenho Observação
9. Projeto Derivas Dançantes, Intervenção no Museu Minas e Metal
10. A Mala, Projeto Material Didático, Disciplina Laboratório de Licenciatura II
11. Material Didático Conteúdo
12. Referências Imagéticas da Cidade de Belo Horizonte
13. Minerais que riscam - Hematita, Grafita e Limonita
14. Catálogo Circuito Cultural Praça da Liberdade
15. Planta da Praça da Liberdade- Projeto Acessibilidade do Museu MMGerdau Minas e Metal.
16. Peça Simplesmente Natal, Palácio das Artes , 2012.
17. Apresentação Cantores de Alta Performance.

Introdução: Com olhos de menina

“Arte não pensa:
O olho vê,
a lembrança revê,
e a imaginação trasnvê.
É preciso trasnver o mundo.”

Manoel de Barros

Inspirada no poeta Manoel de Barros trago para o meu trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais, algumas inquietações e indagações sobre minha trajetória de vida no campo da Arte. Compartilho algumas experiências vividas em diferentes escolas na região de Belo Horizonte como aluna e também minhas experiências no estágio curricular obrigatório. Com olhos de menina sigo por essa escrita.

Esta é a minha primeira experiência com uma escrita pessoal e afetiva. Descobri recentemente a possibilidade de uma escrita em primeira pessoa, onde o autor se torna o sujeito da reflexão de sua própria história.

Sigo pelo caminho da escrita de meu memorial reflexivo para dar luz e testemunhar algumas experiências que fazem parte da minha história e me constituem a pessoa que sou hoje. São experiências que de alguma forma produziram diferentes aprendizagens, desde o contato com diferentes escolas onde estudei, as primeiras experiências estéticas, o desenho, o teatro e a música. As amizades e sua ausência, as situações-problema vividas, a reflexão pessoal, interlocuções com as pessoas, discussões de ideias, contato com grupo de mulheres e o encontro com a arte e a docência. Finalizo o meu texto tecendo uma conexão entre a disciplina Laboratório II e o meu local de trabalho, o Museu de Mineralogia.



Acolher o passado que ainda ressoa em mim: o que olho?

Olho para mim. Me vejo. Na sombra, no contorno da luz. Imagem que me acompanha. Me vejo e revejo. Em um movimento contínuo. Me movo, me encontro. Sou Louyse Estela da Costa. Gosto do meu nome. Nasci na cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte, no final da década de 1980, em 22 de setembro do ano de 1988. Cresci em uma cidade histórica famosa pela mineração de ouro e marcada pela exploração inglesa há mais de 300 anos. Venho de uma família com pais que se casaram jovens, formados por um misto de crenças culturais e religiosas. Famílias grandes que se uniram em matrimônio e foram transformando sua realidade ao longo dos anos. Passaram por muitas dificuldades financeiras, mas com muita luta e dedicação conseguiram mudar sua condição de vida simples.

Fazia parte de um desejo dos meus pais que meus irmãos e eu estudássemos em colégios particulares.

Sou filha de um pai engenheiro mecânico, mãe professora dos ciclos básicos, que nasceram de pais analfabetos, do interior de Minas. Meus avós.

Carrego comigo uma memória familiar de pais que sempre me incentivaram para os estudos e interesses pessoais. Carrego comigo um convívio com os meus pais que

foram de muito cuidado, zelo e incentivo. Carrego comigo uma memória de infância feliz.

Memória de Infância: quintal de recordações

Acho que o quintal que a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa.(...) eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé de goiaba do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. (BARROS, 2003, p. XIV)

O poeta nos fala de quintais e achadouros, onde se escondem tesouros da infância. Para encontrá-los, precisa-se cavar. Buracos? Não sei. Mas é necessário mexer na memória. Foi um pouco assim, cavando a terra, revirando baús, caixas e guardados, que cheguei ao quintal de recordações da minha infância. Sempre gostei de desenhar. Desenhava na terra, com pedrinhas, com a água. Desenhava com tijolos, carvão, com pedaços de madeira. Usava a oficina do meu pai para brincar e fazer as minhas primeiras invenções de criança.

Iniciei os meus estudos em uma escola próxima à minha casa na cidade de Nova Lima. Sou a primeira filha do casamento dos meus pais e assim, pude desfrutar de privilégios educativos e afetivos antes da chegada dos meus outros irmãos. Lembro da minha primeira escola infantil chamada São Tomás de Aquino. Era uma escola pequena, da qual eu fui da primeira turma. Era uma escola onde todos se conheciam. Sabíamos o nome de todas as crianças, professores e funcionários. Hoje já não é mais assim. A escola mudou. Possui uma estrutura bem maior e recebe alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Foi nesta escola que tive o meu primeiro contato com o teatro, música e artes visuais. Fazia parte do programa da escola realizar festivais para as famílias, para apresentar as habilidades artísticas dos seus alunos. Lembro-me com carinho deste tempo e foi para essa mesma escola que voltei recentemente para realizar o estágio supervisionado.

Lembro-me de minha infância e da timidez que me acompanhou durante todo o meu período escolar, trazendo uma série de dificuldades nas relações. Minha comunicação com as pessoas na escola era difícil, não dava conta de falar, de olhar para o outro. Lembro que os únicos momentos que me colocaram em um outro lugar foram os eventos, os festivais de teatro e de música que aconteciam na escola. O palco, de alguma forma, foi um lugar de acolhida para mim. Um lugar onde eu tive espaço, escuta e voz. Imagino que a minha paixão pelo teatro, música e dança tenha surgido nesse tempo de escola e durante os festivais, que surgiu. Voltei a olhar para o meu próprio quintal de recordações. O quintal de recordações de minha infância me fez “reencontrar porções esquecidas do ser”, o que Luciana Ostetto (2008, p.129) chama de o “encontro com a sua criança”.

A escola onde o canto não me acolheu

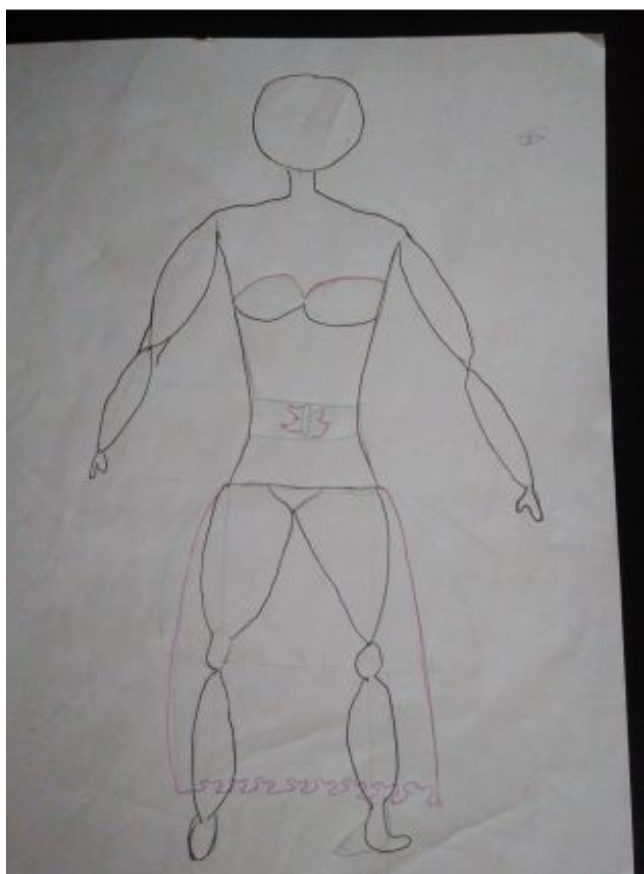
Quando entrei para a quinta série tive que mudar de escola e assim, passei a estudar no colégio Liceu da Imaculada Conceição, integrado a Rede de Colégios Santa Maria. Na época haviam apenas dois colégios católicos particulares na cidade de Nova Lima e meus pais acreditavam que apenas esse tipo de escola poderia oferecer uma boa formação. Eles então escolheram um desses colégios e hoje, ao pensar na escolha feita pelos meus pais, me lembro das dificuldades que passei naquela instituição por não ser católica. Essas dificuldades se estenderam por muito tempo naquela escola, causando sofrimento e diversas situações de bullying. Palavra que naquela época nem sequer existia em nosso vocabulário.

Foi nessa época que o desenho acolheu minha solidão e timidez. Em alguns raros momentos o desenho me possibilitou ter a sensação de ser aceita por os meus colegas de classe.

Desde pequena eu desenhava objetos e os usava para criar partes dos corpos dos personagens das minhas histórias. Eu utilizava *fazzos* de salgadinhos, moedas e fundo de vasilhas para elaborar a construção dos corpos.

Com o tempo busquei outras referências em revistas, onde o traço clássico dos quadrinhos predominavam, ensinado a estrutura do corpo, cenários, linhas de fuga e enquadramento da cena. Produzi inúmeros desenhos utilizando essas estruturas tradicionais dos quadrinhos..

Continuei por um bom tempo nessa escola, mas eu não fazia parte do grupo. Por mais que quisesse pertencer àquele lugar e dividir a minha história com os meus colegas, permaneci sem lugar. Imaginei que as aulas de arte acolheriam meu imaginário e meu processo de criação, mas isso não aconteceu. Os trabalhos se limitavam a temas de cunho religioso e como eu não era católica fiquei de fora dos processos. Fiquei sozinha. Sem amigos. Os desenhos eram meus parceiros. Meus amigos.





A medida que fui crescendo e me fortalecendo passei a não suportar mais aquela escola. A convivência que já não existia, tornou-se insuportável. Não compreendia o que estava acontecendo comigo e nem entendia a razão das minhas angústias, além dos bullings. Percebia apenas que a escola era opressora de ideias, pensamentos, afetos e sentimentos. Foram quatro anos de muita angústia e sofrimento até passar para o Ensino Médio. Ao narrar essas experiências me lembro de quando Larrosa aponta que:

A experiência é algo que (nos)acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto.(..) (Larrosa, 2014. p.10).

O Ensino Médio: em cada canto outros cantos

O tempo do canto chegou. O canto começou a atravessar a minha vida e ressoar em outras experiências, em outros tremores. Assim eu chego finalmente ao Ensino Médio em uma escola pública. Período onde iniciaram-se muitas mudanças que me ajudaram a repensar quem eu sou e qual a minha história. A timidez foi se aquietando, abrindo espaço para um outro jeito de ser e estar com os colegas de classe e no mundo. Conheci grupos diversos, “tribos” com interesses em música e quadrinhos e associei-me a eles. Entrei para o Coral da Escola de Música de Nova Lima para aprender o Canto Lírico e para a Escola Casa Aristides, onde procurei aperfeiçoar meu desenho. Foi um tempo de muita criação, exploração, de encontro com o outro e comigo mesma. Um novo tempo onde a música, o canto, a voz, o som, o movimento e o teatro tomaram conta do meu corpo e de minha mente. Se até então os meus cantos eram lamentos de tristeza e de solidão, pude aos poucos ouvir cantos compostos de minha própria voz, com ecos, ressonâncias, e variações musicais. Comecei a reconhecer-me em sua melodia, em seu ritmo, em seu tom, na emoção presente. Sigo minha trajetória na arte como aprendiz. Tornei-me uma cantora dos meus próprios cantos.

“Há algo no que fazemos e no que nos acontece, tanto nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas que é algo que sobre o que temos vontade de falar, e de continuar, falando, algo sobre o que temos vontade de pensar, e de continuar pensando, e algo a partir do que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é o que faz com que a educação seja educação com que a arte seja arte e, certamente, com que a vida esteja viva, ou seja, aberta a sua própria abertura.” (Larrosa, 2014. p.13)

Penso que as experiências que relato nesta reflexão estão fundamentadas na vida. Na vida que as vezes treme, quebra, desfalece mas que segue. Hoje eu canto.



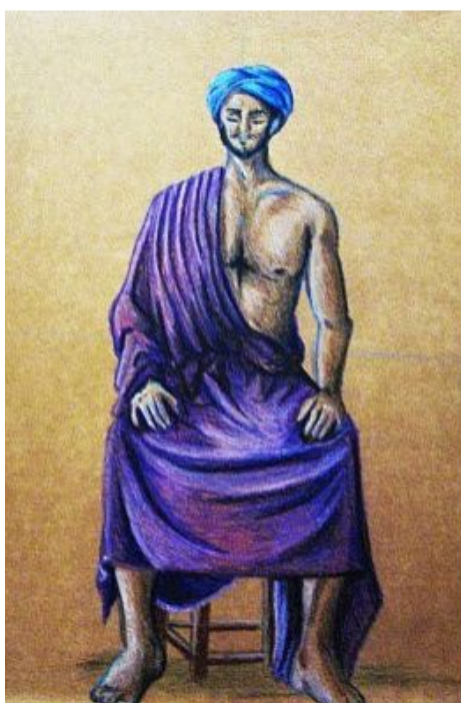
A arte foi tomando conta da minha vida: em cada canto outros cantos

Diz a minha mãe que fui uma criança muito observadora. Talvez, isto tenha me ajudado no desenho, na habilidade de observar e representar o que vejo. O gosto pelo desenho surgiu na experiência de desenhar constantemente nos momentos de diversão. Como já dito, recordo-me de utilizar objetos diversos para construir o corpo dos personagens das minhas próprias histórias. Acompanhei séries animadas na televisão e me apaixonei pela Disney, naquele momento comecei a me interessar pelo canto e por outras culturas, como a linguagem audiovisual do desenho animado japonês, sua estética e estilos peculiares de faces simétricas, olhos alongados. Tudo era motivo para desenhar. Nas escolas em que estudei os professores de arte em geral, se limitavam em datas comemorativas para serem representadas através de desenhos e colagens. O professor de Arte trazia a história da arte de uma forma distante e sem conexão com o mundo que estávamos vivendo. Era um ensino distante de nós. Fazia pouco sentido para mim o que via ou aprendia na escola. Tenho poucas lembranças deste tempo. Mas sem dúvida a ocasião mais marcante de todo meu período escolar aconteceu no Segundo Ano do Ensino Médio no Colégio Estadual. O colégio promovia uma atividade entre todas turmas do primeiro ao terceiro ano que consistia em trabalhar obras literárias dentro de um contexto histórico específico, para elaborar um teatro, construir a estética cênica com cenários e figurinos.

O tempo de produção desse trabalho durava três meses e ao final do ano, toda a escola participava do evento. Naquele ano, a minha turma venceu com o tema Baile de Máscaras, Literatura Romântica. Fiquei muito envolvida e empolgada com esta ação, que me deixou na linha de frente do trabalho. Foi um tempo de felicidade de encontro comigo mesma e com os meus colegas. Hoje, ao escrever e repensar sobre esse tempo, sou invadida por um sentimento de gratidão. Senti-me ouvida e envolvida em um processo de criação.

Não tenho dúvidas que meu caminho começou a ficar claro naquele tempo. Nasceu para mim um novo lugar, com estradas que me levaram pelo teatro, pela confecção de figurino, cenário, e o canto. Assim, experimentei as mais diversas opções e possibilidades que a arte e a vida me ofereceram, segui pelo design, pela moda, corte e costura, dança, canto lírico, até chegar na Universidade, onde encontrei a afeição pelo desenho.

Optei pelo curso de Licenciatura, pois quero ser professora. Gosto de pensar na ideia de que nos formamos através das experiências. Nóvoa aponta que o formador forma-se a si mesmo, através de uma reflexão de seus percursos pessoais e profissionais e na relação com os outros. (Nóvoa, 2004,p.16). Talvez, esteja aqui o meu achado como futura professora de Artes Visuais. As experiências vividas em minha infância e adolescência tornam-se referências para pensar sobre o ensino de arte na escola. Olhar para a minha história e narrar o que me fez ser o que sou hoje, é buscar a valorização da Arte na escola, é integrar e conectar-me com os demais professores da escola. É ouvir e escutar o que o outro me traz. Um outro canto ressoa em mim: o curso de Licenciatura em Artes Plásticas.



Minhas experiências acadêmicas

Ao ingressar na Universidade Federal de Minas Gerais percebi o quanto meu entendimento sobre Arte era limitado. Tive os primeiros contatos com novas experiências artísticas nos períodos iniciais da faculdade de Belas Artes. Isso permitiu-me aprender outros conceitos, novas técnicas, explorando trabalhos tridimensionais e bidimensionais, novas linguagens e técnicas como a gravura e a animação. A falta de um contato prévio com arte no ensino fundamental, assim como o desconhecimento da arte como área de conhecimento, me trouxeram muitas inquietações e inseguranças. Qual caminho seguir? Serei capaz de me tornar uma profissional da arte com propostas, ideias e pensamentos que poderiam efetivamente contribuir na formação dos meus alunos? Serei uma profissional competente? Eu escuto o outro? Olho para os desenhos de observação e vejo o que? O que esses exercícios, desenhos de observação contribuíram para minha formação como artista e professora? O que é desenho?





Ao refletir sobre este tempo vejo o porquê de minha escolha em seguir a habilitação de Cinema de Animação. Aquele momento foi o mais próximo da minha realidade e afinidades desde a infância. As Histórias em Quadrinhos e as Histórias Animadas me mantinham em um local confortável e seguro. Ao pensar sobre minha entrada na universidade relembro de alguns sentimentos que me acompanharam durante os primeiros períodos.

Carrego da minha história de vida, da minha infância, o sentimento do medo. Talvez, assim como aponta Mia Couto, o medo foi um dos meus primeiros mestres.

“O medo foi um dos meus primeiros mestres. Antes de ganhar confiança em celestiais criaturas, aprendi a temer monstros, fantasmas e demônios. Os anjos, quando chegaram, já era para me guardarem. Os anjos atuavam como uma espécie de agentes de segurança privada das almas. Nem

sempre os que me protegiam sabiam da diferença entre sentimento e realidade. Isso acontecia, por exemplo, quando me ensinavam a rezear os desconhecidos. Na realidade, a maior parte da violência contra as crianças sempre foi praticada, não por estranhos, mas por parentes e conhecidos. Os fantasmas que serviam na minha infância reproduziam esse velho engano de que estamos mais seguros em ambiente que reconhecemos.”
(Mia Couto, 2014)

Cheguei à universidade com medo de tudo e de todos. As críticas feitas pelos professores do curso de Belas Artes sobre a minha produção plástica me deixaram sem chão e sem pistas. Foi um tempo sem canto, sem lugar e sem espaço. Só muito tempo depois comecei a entender o quanto a violência simbólica nas relações sociais estavam entre as causas do meu medo e de minhas resistências. Mia Couto fala de uma violência silenciada:

“Em todo o mundo, uma em cada três mulheres foi – ou será – vítima de violência física ou sexual durante o seu tempo de vida. É verdade que, sobre uma grande parte do nosso planeta, pesa uma condenação antecipada pelo fato simples de serem mulheres.” (Mia Couto, 2014)

Observo o perceptível, lento e difícil processo de autonomia das mulheres na história. Desde a antiguidade a mulher vem sendo representada de diversas formas sob o ponto de vista dos homens, que cultivavam seu corpo e lhes atribuíam papéis servis. Encontramos pouquíssimos casos na história da arte onde mulheres recebem reconhecimento por seu trabalho, sendo na maioria das vezes marginalizadas no meio intelectual e artístico. As mulheres tiveram que travar perversas batalhas contra este sistema para conquistar visibilidade e autonomia. Em muitas ocasiões passaram por dolorosas provações para que suas existências se tornassem relevantes.

“Na Arte, a mulher imaginada e representada por grandes artistas como Picasso e Manet, assim como tantos outros, são exemplos de como os corpos femininos são um tema recorrente, onde se consolidou um olhar masculino sobre o feminino.” (ALMEIDA, FL., Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes. 2010.)

Outro exemplo é o caso da escultora Camille Claudel e sua trágica história de amor com August Rodin. É muito triste ver como o machismo impediu que Camille pudesse ser vista com igualdade, sendo condenada pelo juízo moral da sociedade e abandonada em um hospital psiquiátrico ao fim de sua vida.

Assim como a história da poetisa e dramaturga mexicana Sórora Juana Inés de la Cruz. Sua obra elevou seu nome a um patamar importante na literatura em língua espanhola. Uma mulher, que foi admirada pela corte, mas também odiada por muitos homens que se sentiam ofendidos por seus conhecimentos. Sórora foi perseguida por religiosos e se tornou freira, rompendo os padrões da época e consagrando sua obra.

Relacionando a história dessas mulheres com o presente, só posso dizer que a luta continua. As discussões e reflexões sobre esse tema são cada vez mais recorrentes nas redes sociais, nas salas de aula e no ambiente de trabalho, provocando uma grande interseção em meu entendimento sobre o que é ser mulher.

Dentro da universidade, em diversas ocasiões, sofri as consequências desse machismo secular, ouvindo depreciações e críticas incansáveis de colegas de turma e professores homens.

Ouvi comentários carregados pelo preconceito de gênero, carregados de dúvidas sobre a capacidade artística feminina. Isto se revelou no ano de 2010, quando em uma turma de 40 alunos, apenas uma única aluna escolheu fazer habilitação na Licenciatura. Porque? Qual o medo? Ouvi inúmeras vezes de colegas e de professores que a Licenciatura é um lugar inferior da arte. É um curso para os “artistas fracassados”, uma profissão feminina, para cuidar de crianças, lugar de pessoas sem criatividade, sem práticas artísticas.

As mulheres que compõem o universo artístico do qual faço parte, seja na música, dança, teatro ou artes visuais ainda escutam coisas como: você precisa aprender a tocar música como homem. Na área do teatro, as vezes ainda ouço: sua voz sempre será pequena, assim não irá muito longe, se estiver bonita pode até conseguir algo. Na escola de Belas Artes escutei que as mulheres gostam de desenhar coisas fofas

e sobre o amor e são mais sensíveis. Estas observações e comentários foram sendo somados ao meu medo, revolta, indignação e insegurança, marcando a minha trajetória acadêmica e marcando a mulher/artista que sou.

Neste período de conflito, a experiência com o canto e o teatro entram em cena e se misturaram à graduação em cinema, me deixando em dúvida sobre qual caminho eu deveria escolher. Instalou-se uma depressão em mim, que me trouxe muitos danos e atrasos para que eu pudesse concluir o curso. Depois de um longo tempo afastada da universidade, me enchi de coragem e retornei à licenciatura, que começou a se mostrar de outra forma para mim. Não sei dizer exatamente o que aconteceu. Mudaram os professores? Eu mudei? Talvez o meu olhar tenha mudado e amadurecido durante o tempo que passei longe da academia. Voltei e encontrei um curso mais interessante, mais desafiador e instigante, quebrando os estereótipos, boatos e comentários sobre a desvalorização da licenciatura. Descobri um outro lugar, surgiram outras discussões sobre docência, sobre ser professor, artista, pesquisador. Comecei a me sentir valorizada e a ter esperança de deslumbrar um caminho a seguir pela docência. Vi as portas se abrindo para novas possibilidades em relação à valorização do profissional docente, com respeito, compreensão e uma escuta atenta para a realidade trazida pelos estudantes originados das escolas públicas. Uma licenciatura aberta a discussão e reflexão acerca dos espaços escolares, de uma organização curricular em prol da educação, com um caráter mais coletivo e transdisciplinar. Não posso deixar de mencionar que mesmo com os avanços de nossas discussões e reflexões sobre o ensino de Arte na escola, não podemos deixar de lado as questões de gênero, desigualdade raciais, e minorias. Ressalto que o recente contato com as mulheres universitárias, colegas de trabalho, no Museu MM Gerdau- Museu das Minas e do Metal, na Praça da Liberdade, foi um divisor de águas para a forma como me posiciono nessas discussões, que abordaram temas como a percepção de ser mulher, o machismo, o feminismo, qual nossa relação com a sociedade, quem somos nós.

Foi no contato com colegas de trabalho, de outras áreas do conhecimento, como da história e da geografia, que comecei a ter coragem de me posicionar e de defender a mulher, professora e artista que sou. Me alimento ao ouvir e a ler as histórias de

outras mulheres. Recentemente tive a oportunidade de ler o livro *Mulheres*, de Eduardo Galeano, que me encantou e me chamou para o canto. São histórias de mulheres do mundo. São histórias das Anas, Marias, Teresas, Bertas, Joanas, Rafaelas, Gabrielas. Algumas sofridas, guerreiras, outras deusas, bruxas, sacerdotisas e revolucionárias. Professoras. Artistas. Mulheres. Nós. Eu.

Ter contato com esse grupo de discussão de mulheres no meu local de trabalho, o museu, e também na universidade, foi um divisor de águas que me deu coragem para seguir o meu curso de licenciatura.

Estágio docente: deslocamentos, aproximações e encontros.

O estágio obrigatório faz parte de qualquer curso de Licenciatura. Ao pensar em meu tempo de Estágio, me vem a mente uma série de palavras como: deslocamento, procura, descoberta, caminhos, tempos, espaços, territórios, aproximação, estar com o outro, reunião, ponto em comum, convergências, estranhamentos.

Mas de todas elas, a palavra fundamental no meu processo de ensino aprendizagem é a experiência. Para Larrosa,

“É componente fundamental da experiência: a sua capacidade de formação e transformação. É experiência aquilo que nos passa, ou o que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.”
(1999, p. 28)

Durante o estágio busquei sentido no que eu estava sentindo e no que estava acontecendo. Tentei me envolver, tocar e escutar. Muitas perguntas, sentimentos, sensações me acompanharam durante esse processo na escola, nos encontros da universidade e nas reuniões do estágio, que aconteciam uma vez por semana. Foi preciso compreender o estágio como um lugar de diferentes pessoas com perspectivas, histórias, experiências diversificadas, “(...)”, cuja base só poderá ser o

diálogo, a troca a interlocução, conduzindo a todos para o “fazer junto.” (Ostetto, p. 84, 2011).

A chegada na escola: o estágio como espaço de aprendizagem

Ao chegar ao Instituto Educacional São Tomás de Aquino foi como voltar para casa. Estudei nesta escola por alguns anos, como já relatei no início deste texto, e reconheci muitas pessoas que ainda estavam por lá. Voltar para aquela escola me trouxe um sentimento de nostalgia, lembranças tomaram conta de mim, como o cheiro da cantina, a primeira apresentação de teatro para os pais, os livros da pequena sala de leitura, o tanque onde ficavam os girinos, as mesinhas para desenhar. Tudo era tão grande naquela época e notei surpresa como a escola era pequena e delicada. Um vasto campo de memórias marcantes em cada uma das salas de aula.

Logo na entrada da escola encontrei com o porteiro, já velhinho, que cuidava de nós alunos, das plantas e da horta. Também vi rostos conhecidos em meio aos funcionários, como as faxineiras que não deixavam a gente mexer com tinta e brigavam com a sujeira deixada pelos alunos na sala de aula.

No espaço de leitura, me recordei dos livros que me encantaram profundamente. Não tanto pelo texto, muito mais pelas imagens e ilustrações. Lembro que passava horas na biblioteca, mergulhada nos livros, tentando descobrir as técnicas que os ilustradores usavam. Ao voltar para aquela escola algumas perguntas vieram a minha mente: “Será que a escola é a mesma de anos atrás?”, “Que alunos frequentam a escola atualmente?”, “Eles vêm do bairro?”, “Quais as suas histórias?”, “Afim, o que significava voltar para casa depois de uma longa viagem?”, “Qual a bagagem que eu queria dividir ou trocar com as pessoas que estavam nesse lugar?”.

Iniciei um processo de ressignificar a escola para mim. Faço, pelo exercício da memória, um pouco da minha experiência vivida naquele espaço e com aquelas

peessoas. Penso que, “acessar a nossa memória, é também poder encontrar com a nossa voz. É poder retomar imagens e dar significância do que foi desenvolvido ao longo da nossa história de vida.” (Velloso, Bernardes, 2012). Sigo por este caminho na tentativa de compreender o que se passou e ainda passa naquele lugar.

O caderno de anotar e desenhar

Carrego comigo desde o início do curso de Artes Visuais, não somente um, mas vários bloquinhos para anotar e desenhar, adquiridos na loja do Vavá, dentro da Escola de Belas Artes/UFMG. São nesses caderninhos que consulto escritos, anotações, ideias e pensamentos para incluir no meu trabalho.

Nas artes esse tipo de caderno é chamado de caderno de artista, livro de artista, tal como uma definição de Paulo Silveira: “livro de artista é livro em que o artista é autor e livro obra é a obra de arte dependente da estrutura de um livro”. (Silveira, 2011. P.47).

Nas artes, o uso do livro de artista é bastante comum. Os artistas brasileiros têm incorporado, desde os anos 60/70, estes livros em seus processos de trabalho plástico, usando os mais diversos materiais para compor suas páginas.

Adotei a prática de ter um caderno de artista durante o estágio curricular obrigatório. Observei que os professores na escola tinham o hábito de registrar suas aulas e isso me motivou a localizar alguns autores como Madalena Freire (1983), Cecília Warschauer (1987) e Luciana Ostetto (2011), que incorporam em suas práticas docentes o registro reflexivo. Ler os escritos dessas autoras foi fundamental para minha experiência no estágio. Percebi que produzir um caderno de artista exige uma predisposição para a reflexão constante, onde a memória tem um papel fundamental. Nada simples para mim.

Foi no encontro das aulas de estágio com a professora Juliana Gouthier que percebi a importância da observação na sala de aula. Foi fundamental nesse processo de

estágio o papel da observação, do reconhecimento e do registro. Iniciei as minhas primeiras observações olhando para os estudantes e tentando entender qual era o posicionamento da escola em relação eles. Foi durante os encontros de orientação do TCC que conheci Cecília Warschauer (1993), que fala da importância da observação, da roda de conversa em sala, do registro, do diário de campo. Foi a partir de Cecília que aprendi mais uma vez que o registro ajuda a guardar os fatos na memória, acontecimentos ou reflexões. Ela destaca que registrar é deixar marcas. Marcas que registram uma história vivida. (Warschauer, 1993,p.61)

Durante alguns meses acompanhei as aulas de arte na escola onde eu estudei. Para minha surpresa, apesar de encontrar profissionais formados na área de artes, eu os vi utilizando o livro didático ofertado pela escola. Fiquei bastante incomodada com essa situação e tive dúvidas sobre como lidar com isso, pois muitas discussões foram travadas sobre o assunto durante nossas aulas na Faculdade de Educação. Às vezes o livro didático é o único material visual de arte ao qual professores e alunos têm acesso. Observei que as professoras apresentavam pouquíssimos trabalhos diferenciados, sem discussões ou aprofundamentos. Por exemplo, em uma aula cujo tema apresentado foi Arte e Moda, a professora apenas comentou sobre Zuzu Angel ter sido uma famosa estilista brasileira, que levou para fora do país a tropicalidade do Brasil em suas roupas, mas não mencionou a trajetória marcante de Zuzu em busca de justiça pela morte e desaparecimento de seu filho Stuart no período da ditadura. Não citou a sua obra dentro do contexto político brasileiro. Não contou sobre seu desfile protesto em Nova York, a sua luta infinita contra a ditadura militar. Como exercício ela propôs que os alunos criassem suas próprias roupas.

Uma cartografia das lembranças: Eu tinha sete anos de idade.

Ao observar a extrema rigidez da escola, volta à minha memória várias cenas, histórias, acontecimentos e fatos da infância. Envolvida por meu retorno à escola, me propus a fazer uma cartografia das lembranças. Fui caminhando, recolhendo e registrando o que vi em cada espaço, em cada canto da escola como se ainda fosse

aluna. Dessa forma trilhei meu caminho pelo cheiros, luzes e sombras. Pelos buracos da parede, pela tinta descascada. Andei pelo espaço onde antes havia um jardim, que já não existe mais. Olhei para a biblioteca, cheia de livros. O que restou daquela escola em mim? Busco em Bachelard sua ideia de ninho, que nos leva de volta à infância. A infância que deveríamos ter tido (1989, p.106).

Vi emaranhados de linhas, puxadas desde a primeira aula de Inglês com a música Do Re Mi do Musical a Noviça Rebelde, letra que nunca mais esqueci, aos primeiros ensaios de teatro, as primeiras aulas sobre Educação Sexual e Puberdade.

Fui desconstruindo, sobrepondo as minhas memórias com imagens para ver o que restou ao meu redor. E assim, a cada virada, cada volta, a cada canto que passei, fui invadida por lembranças. As ausências, o vazio que reverbera em mim. Recorri a uma imagem de infância para não esquecer. Me lembrei das acusações que sofri na sala de aula quando a professora me expôs diante da turma toda dizendo que eu não era católica, mas espírita. Fiquei sem lugar para cantar e sem amigos na escola a partir desse dia. Eu tinha sete anos de idade.

Foi durante a experiência de estágio que pude refletir sobre tudo isso. Tive a oportunidade de não só me rever naquele espaço como aluna, mas também como aprendiz, como professora em formação. Trago a ideia de transformar e reconhecer a experiência vivida em um processo autoformativo, um processo que pode me ajudar a pensar e produzir saberes. Não conhecia essa possibilidade de escrever a minha própria história e foi durante as orientações de TCC que tive a oportunidade de me aproximar mais das discussões do campo das narrativas autobiográficas, assim como participar no I Seminário de Narrativas de Si na Escola de Belas Artes. Me enchi de coragem e escolhi narrar minha experiência na escola, revelando vivências invisíveis.

Algumas perguntas: sem respostas

Finalizei o meu tempo de estágio e voltei para universidade com mais perguntas do que respostas. Questionamentos sobre a arte, sobre o que é ser artista, sobre o que é ser professor. O que significa ser artista? O que significa ser artista professor? Será que ser professor, artista é buscar compreender seu próprio tempo através de reflexões individuais e coletivas? Educar/fazer arte é uma forma de intervenção no mundo? O artista professor pode funcionar como um propulsor de descobertas, de ideais, promovendo o encontro do outro com obras de arte, assim com a experiência de um processo de criação? Que caminhos podemos construir com e por meio da arte?

Com o estágio entendi que não basta apenas ter habilidades artísticas para ensinar, que a docência pede outras habilidades. Habilidades que passam por experiências formativas, embasadas em leituras, concepções de educação, ensino e aprendizagem em arte. Um outro jeito de ver e ouvir o aluno. Uma outra forma de silêncio, de escuta e de olhar. As crianças não são todas iguais, elas nem sempre tem os mesmos interesses. Cada uma tem um ritmo, algumas se interessam pelo desenho e adoram aprender novas formas de experimentar, mas também podem rapidamente desviar o olhar e se encantar por algo que está acontecendo paralelo à aula.

O espaço Educativo de um Museu: meu canto

O meu contato com o Espaço Educativo de um Museu me fez olhar de forma diferente para a educação e para a arte. Encontrei uma outra forma de perceber os espaços públicos e suas relações com a comunidade. Fiquei próxima de discussões sobre o que é cultura, o que faz parte de um acervo museológico, o que entendemos de educação patrimonial cultural, o que pode ser considerado patrimônio, o que são monumentos. O trabalho no museu possibilitou-me aprender sobre a história da

Praça da Liberdade, transformações dos jardins e sobre as pessoas que passam e já passaram por ali.

Receber visitantes, mediar visitas, dar oficinas, acompanhar palestras, eventos e outras atividades são ações educativas do museu. Faço parte da equipe do museu como educadora, e trabalho com questões focadas na Ciência e Tecnologia, abordando também outras áreas de conhecimento como a Arte e a História. O diálogo com o espaço arquitetônico da praça da Liberdade também faz parte das ações do museu.

Derivas Dançantes: corpo e meio ambiente

Uma das ações promovidas pelo Educativo, do qual participo como educadora, é o projeto Derivas Dançantes: corpo e meio ambiente. Ele foi elaborado pela equipe de monitores do Educativo do MM Gerdau Museu das Minas e do Metal para atender o público que visita o museu. A Equipe responsável pelo desenvolvimento e criação é composta por estudantes do curso de Artes Visuais e Geografia.

O projeto tem como objetivo instigar os visitantes a ressignificarem seus corpos no espaço do museu e transformá-los em elementos da natureza, tema escolhido durante a semana do meio ambiente. A oficina propõe aos visitantes a realização de uma Deriva, iniciando uma caminhada pela área externa do museu, pela praça da liberdade, até os espaços internos do Edifício Rosa, antiga sede da Secretaria de Educação.

A noção de deriva considera o corpo sem rumo no espaço, produzindo relações com esse espaço, aberto aos estímulos que a própria experiência proporciona em nossos movimentos. Normalmente inicia-se o trabalho da oficina com uma conversa entre os visitantes sobre o conceito de Deriva, natureza, espaço e corpo.

Escolhemos trabalhar em grupos pequenos, de no máximo cinco pessoas. Essa dinâmica possibilita uma aproximação maior, uma compreensão e entrosamentos entre as pessoas visitantes. Para as atividades práticas temos várias caixas à

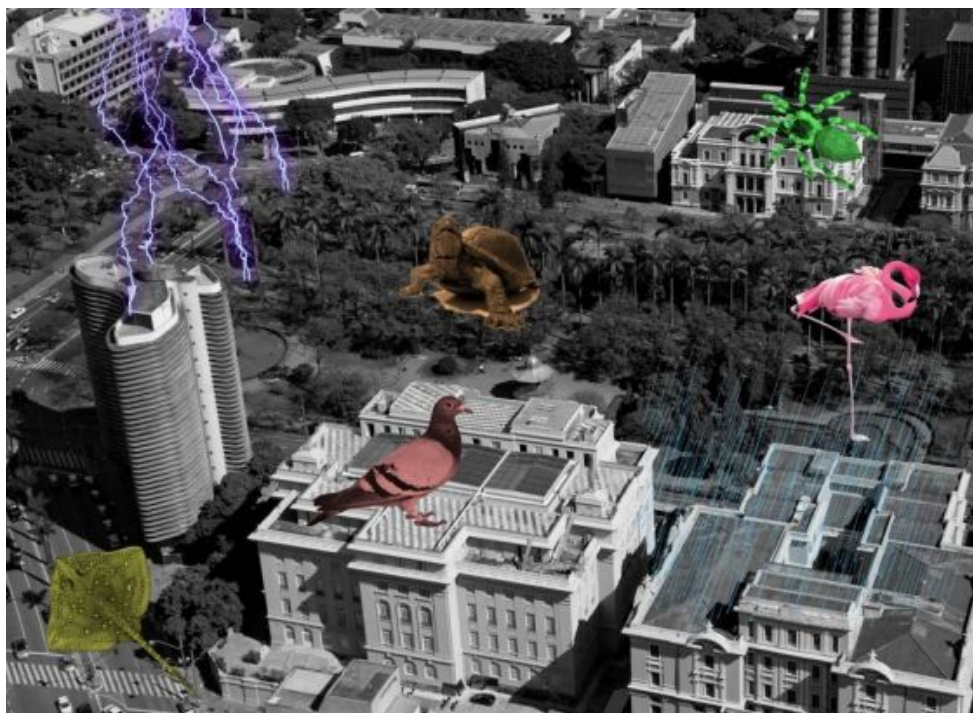
disposição das pessoas contendo materiais diversos como fitas coloridas, plumas, cordas, instrumentos sonoros, dentre outros. Sigo contando como acontecem às etapas da oficina.

As etapas da oficina

1. Observar, escolher, imitar, algum elemento da natureza no seu próprio corpo.
2. Observar, escutar, anotar, escolher o movimento de algum pássaro, formiga, minhoca, aranhas. Reproduzir, recriar os movimentos dentro dos espaços do museu.

Algumas perguntas que podem nortear a ação: Como uma aranha sobe as escadarias do museu? Como a minhoca subiria neste banco? E a minhoca? E a formiga?

3. Interagir com a escultura de aço inox “Língua Afiada”, a “Sala do Meio Ambiente”, o “Chão de Estrelas”, com o espaço arquitetônico.
4. Etapa final: uma conversa sobre as diferentes experiências vividas. O que perceberam, como se sentiram e o que imaginaram. É o momento de escutar e ouvir novas sugestões, outras propostas, outros encaminhamentos sobre a oficina.



A oficina “corpo e meio ambiente”, me possibilitou pensar e elaborar uma outra oficina entorno do objeto mala.

Material Didático: A Mala que segue viagem

As experiências vividas no campo educacional no Museu de Minas e Metal e nas aulas do curso de Licenciatura, me possibilitaram criar relações e junções para a elaboração de um material didático que pode ser usado nas aulas de arte. A proposta foi elaborada especificamente para a disciplina Laboratório II.

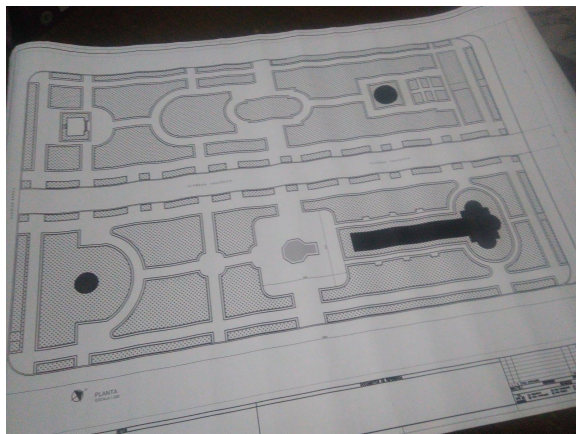
O espaço, o artista e suas relações:

Ao adentrar um espaço, penso sobre as relações que podem ser feitas ou não, observo as transformações que podem acontecer naquele lugar, quem são pessoas que moram por ali. Quando ando pela cidade me encanto com muitas coisas que vejo. As vezes canto. Outras vezes fico triste. Ando de ônibus. Saio de Nova Lima e vou até a UFMG todos os dias. É quase uma viagem, uma viagem que tem hora certa de sair e de chegar. Aprendo a ver e a olhar a cidade de um outro lugar. Talvez, eu seja como o flâneur de Baudelaire, que o filósofo Walter Benjamin incorporou em seu trabalho. Fico vagando, caminhando, perambulando por aí. Ando para cá e pra lá. Olho para a cidade. Desloco o meu olhar para aquilo que me interessa. Caminho. Benjamin fala que esse caminhar envolve um ver, abrir os olhos ter um novo olhar. (Benjamin, 1979,p.51)

Esse novo olhar referente à cidade me encanta. Canta. Dirijo meu olhar para a Praça da Liberdade, foco do meu interesse nesse momento. O material didático que encontra-se dentro da mala pode dialogar com diferentes lugares, paisagens, espaços e pessoas. A mala serve para que? O que significa passear pela cidade de Belo Horizonte com uma mala? O que posso carregar nela? Qual sua bagagem? Assim, como nas histórias de ficção, onde temos a liberdade de imaginar coisas, a mala tem a intenção de levar o aluno/visitante para diversos locais que transcendem o tempo, espaço. Tem a intenção de despertar sensações, sentimentos, provocar questões. Outras ideias. Deslocar as pessoas do seu lugar.

A proposta da mala, como material didático para a disciplina de Laboratório II é sair do espaço do Museu e ir para praça da Liberdade. É simples, só atravessar a rua. Na praça, abre-se a mala.

A mala, contém um material específico, como objetos relacionados a cheiros, odores, mapa da praça de antigamente, de hoje, fotos, desenhos, imagens do antes e de agora da cidade e da história arquitetônica da praça da Liberdade.



A primeira etapa é uma caminhada pelo espaço, reconhecimento do local. A segunda etapa é reconhecer e registrar os cheiros, odores que podemos sentir por lá. Para ajudar nessa ação, pensei em colocar sacos costurados a mão, que emitam odores para provocar, estabelecer relações de memórias afetivas com o local da praça, com a cidade, com a sua história. Ficamos de olhos fechados para aumentar a percepção e instigar a nossa memória e imaginário. O objetivo é que, a partir

dessa ação inicial que passa por uma memória afetiva, se estabeleçam elos de ligação com as pessoas e a praça.

Outro objetivo é aproximar e apresentar a história do local. Faz parte do material didático da mala, um acervo de imagens antigas e de hoje. A proposta consiste quase como um jogo, onde tenta-se identificar e reconhecer através das imagens antigas, qual seria o prédio de hoje. Assim, os participantes poderiam identificar os prédios históricos e refletir sobre como eram aqueles espaços no passado. Que pessoas passaram por ali, quem trabalha nesses lugares, qual era a função de cada prédio e qual a sua história. A mala contém informações históricas e arquitetônicas sobre cada prédio da praça e em um outro momento, é feita a conexão e contextualização com os tempos de hoje. Surgem perguntas como: Quem são as pessoas que frequentam a praça. O que acontece hoje em cada prédio que compõem o acervo? Ter uma praça em uma cidade serve para que? Para passear, correr, morar? Comer, dormir?

Uma outra proposta consiste em desenhar o lugar. Fazer desenhos de observação, de imaginação e, quem sabe, criar cartões postais sobre as suas impressões, imaginações, ideias, sobre o que viu e observou da praça. E por final, para a mala poder seguir viagem pensamos em colocar miniaturas de objetos, elementos de vestuários, algum adereço de antigamente. E por último, para instigar mais ainda as pessoas, alguns lápis, e pedras do acervo do museu, como a Hematita que imprime a cor vermelha.



Os cantos que ainda ressoam em mim

Poder contar, narrar a minha trajetória pessoal e profissional, mesmo de forma inicial foi uma experiência nova para mim. Em alguns, momentos tive um certo estranhamento e em outros tive dúvidas se conseguiria seguir por esse caminho. Não foi uma tarefa fácil, olhar para minha própria história de vida, pensar sobre mim e deixar emergir o meu projeto. Aprendi com este Trabalho de Conclusão de Curso que o ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder que tenho ao me reconhecer como sujeito de minhas histórias. Talvez, esse tenha sido o meu maior achado. Ao relatar o meu processo de formação, ao falar sobre as escolas que frequentei, os professores que tive, o lugar que não achei, o canto que muitas vezes não pude cantar, fica claro que professora eu quero de ser. Ouço Paulo Freire, que diz:

“Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida.” (Freire, ano, p.31)

Sofri opressões nas escolas, causadas pela falta de liberdade, por não poder ser quem eu era e crer no que eu creio pela falta de escuta do outro. Muitas questões e problemas aparecem nas escolas, desde falta de acolhida, de escuta, do abandono social, do menosprezo, a falta de políticas públicas que recaem diretamente sobre nós estudantes e educadores. Sobre mim.

Observei professores sem formação específica dando aulas de arte. O que isso me revela? Que a arte não tem importância na escola? Que qualquer profissional pode lecionar essa disciplina? Conheci alguns professores, que tentam abordar a arte de uma forma mais contemporânea e buscam sair do lugar-comum, que nos limitam a apresentar artistas famosos, pintar a escola ou fazer decorações festivas. Por outro lado, é lamentável e frustrante pensar na cidade de Nova Lima. Ao longo dos últimos anos testemunhei a desvalorização geral das Artes, além da retirada de professores e atividades artísticas das escolas municipais. As escolas de Música, Dança, Casa Aristides e o Teatro foram fechadas por falta de verbas.

Ao olhar para minha história, fica cada vez mais clara a necessidade e importância de investirmos cada vez mais na Licenciatura em Arte. Uma licenciatura que dialogue com a escola pública, com as demandas dos alunos, dos professores e da comunidade. Uma licenciatura que conte com profissionais amorosos, afetivos, sábios, habilidosos e capazes de sonhar e desejar uma escola diferente, uma escola onde posso ser como eu sou, uma escola que nos acolha. Uma escola que nós deixe cantar. Cantar.



Referências bibliográficas:

Bachelard, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

Barros M. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003

Benjamim, W. **Obras Escolhidas III Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense. 1989

Couto, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

Freire. P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974

Larrosa. J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. 2014

Velloso, L. Bernardes. R. **Autobiografias e documentação narrativa redes de pesquisa e formação**. Salvador: Fapesb, 2015

Nóvoa. A. (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2007

Ostetto, L. **O estágio curricular no processo de tornar-se professor**. Campinas: Papirus Editora, 2008

Silveira, P. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001

Souza, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2010

Warschauer, C. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.